

II

Cale e Portucale

Alberto Sampaio no vol. I dos seus valiosos *Estudos históricos e económicos*, dados a lume póstumamente no Pôrto em 1923 pela conhecida e bem conceituada livraria dos S.^{rs} Lelo & Irmão, com o que ela prestou óptimo serviço às letras, insere um artigo em que se ocupa das póvoas marítimas do Norte de Portugal ¹. Aí trata

¹ Quem reviu a edição dos *Estudos* deixou sem emenda muitos êrros tipográficos, por exemplo: a pág. 276, *Chronicon Abeldense* (por *Albeldense*); a pág. 283, incómoda repetição de palavras; a pág. 286, *traído á collecção* (por *à colação*); a pág. 314, *desdenominação* (por *denominação*); a pág. 359, *conrado inglez* (por *cruzado inglês*).

Pior ainda. Tendo Sampaio composto êste trabalho depois de publicado em volume (separata da *Portugalia*) outro seu, intitulado *As «villas» do Norte de Portugal*, faz agora referências ao primeiro, conforme à paginação que êle naturalmente tem. Pois o revisor, ainda que as *Villas* precedem nos *Estudos históricos* as *Póvoas*, manteve a primitiva citação das páginas da separata, em vez de as reduzir à das páginas dos *Estudos*! Os leitores vêem-se portanto seriamente embaraçados para seguirem o discurso do autor, pois ou hão-de perder tempo a folhear os *Estudos*, buscando os lugares a que Sampaio alude, ou hão-de ter ao pé de si um exemplar das *Villas*, o que será difficilimo, visto estar esgotada a edição. Se o revisor, por escrúpulo, queria manter sem alteração o texto de Sampaio, mantivesse-o, indicando entre colchetes a paginação dos *Estudos*, como soe fazer-se em circunstâncias análogas: mas a razão do escrúpulo não colhe, pois tôda a ortografia do autor foi modernizada, isto é, alterada.

Mais: referindo-se Sampaio por vezes, págs. 323,

das origens do Pôrto, e discute as palavras *Cale* e *Portucale* quanto à sua aplicação. O raciocínio do nosso autor consiste essencialmente nisto:

A povoação chamada *Cale* ou *Calem* no Itinerário de Antonino (séc. iv) ficava na esquerda do Douro, e teria sido na origem uma cidade lusitana ou citânia, erigida num cêrro, arruinada depois, e restaurada (pelos indígenas) à chegada dos Germanos: donde o aparecer com o nome de *Portucale castrum* em Idácio (2.^a metade do séc. v), e *Portucale castrum antiquum* nas supostas actas do concílio de Lugo¹, que fazem chegar a diocese de Coimbra até o rio Douro. Um documento do ano de 922 (*Dipl. et Chartae*, n.º 25) refere-se a uma *villa de Portugal*² na mesma margem,

328, 357, ao foral da Póvoa de Varzim, dado por D. Denis, e a uma cópia que mandou tirar da parte das Inquirições de 1258 respeitante à região que fica entre Cávado e Ave, prometendo publicar êsses documentos no fim do volume, na nota B, não aparece lá tal nota; e o revisor em nada nos elucida sôbre isto.

Finalmente, pois que, como observa o D.^{or} Luís de Magalhães, na introdução, pág. xxiv, é fácil ver o embrião das *Póvoas* no artigo que se intitula *O Norte marítimo*, pedia a lógica que êste se imprimisse antes daquelas, e não a seguir, como aconteceu.

¹ [Não da época (ano de 569), mas, ainda assim, muito remotas: Herculano, *Hist. de Portugal*, 5.^a ed., t. 1, pág. 469. Sampaio aceita que foram escritas na época novi-goda, pág. 273, e reporta-se a Argote, *Memorias de Braga*, t. II, doc. 1.^o, pág. 804. — Por época novi-goda deve entender-se o tempo que decorre do séc. VIII (Pelayo) ao XI. — De não serem originaes as actas, isto é, contemporâneas do concílio, tratou depois de Argote já o P.^e Florez, *Espanña Sagrada*, IV, 130 segs.].

² [Isto é, a uma « quinta »].

certamente no sítio em que estivera a *Calem* do Itinerário, e o *Portucale castrum* de Idácio. Destruído êste na invasão sarracena, levantou-se outro *castrum* a pouca distância, o de *Mahamuti* «Mafamude»¹, que veio a tornar-se o *burgo velho do Pôrto*², absorvido finalmente por Vila Nova de Gaia. — Vid. págs. 263-264 e 273-275.

Idácio fala paralelamente de *Portucale locus*, ou *locus Portucale*, que êle situa nos extremos da Galécia: *ad extremas sedes Gallaeciae, ad locum qui PORTUCALE appellatur*. Ficava pois na margem direita do rio. *Portucale* queria dizer «porto de Cale», pôrto que do lado da Galécia servia de desembarcadouro para Cale. Não possuía ainda fortificações. No alto da vertente do rio é que, depois de fundada aí a sé portugalense, no governo visigótico, e nascida a par uma povoação, que provavelmente a princípio se abasteceu com elementos provindos do *Portucale* marginal, construiria D. Afonso III de Lião (866-910) uma fortaleza, ao restaurar a povoação das ruínas em que os Árabes a tinham deixado: fortaleza a que com o nome de *Portucale castrum novum* aludem as supostas e há pouco citadas actas do concílio de Lugo. — Vid. págs. 263 e 276.

Tôda a exposição é muito luminosa, e já em

¹ [Sampaio serve-se aqui do n.º 54 dos *Dipl. et Ch.*, onde se lê, na delimitação da *villa* ou «quinta» *Alduarii: subtus castro Mafamuti*].

² [Por oposição chamou-se *burgo novo* à área que D. Teresa deu ao bispo D. Hugo: *Elucidario*, s. v. «burgo», 1, 216, B. Tinha por centro a sé].

parte haviam escrito no mesmo sentido o P.^e Florez, João Pedro Ribeiro, e Herculano, em lugares que o nosso autor aduz a propósito; últimamente resumiu Mgr. Ferreira, *Memorias do Porto*, I, 10 segs., a doutrina de Sampaio, e propôs como local preciso do desembarcadouro de *Portucale*, fóra do bairro da sé, ao Oeste de Miragaia, o sítio de Vila Baixa, que se menciona nas Inquirições: *ob. cit.*; pág. 12, nota 1.

Devo, pelo meu lado, apresentar algumas observações ao escrito do preclaro Alberto Sampaio.

Êle não tomou em consideração que nos Fragmentos das Histórias de Salustio (séc. I a. C.), referidos por Sérvio, comentador de Vergílio, se fala de *Cales, civitas in Gallaecia*¹, portanto a mesma povoação, excepto diversidade de datas, que o *Portucale locus* e o *Portucale castrum* de Idácio. Da forma *Cales*, como mais antiga, deve pois partir quem escrever das origens do Pôrto. E isso lembrou de certo modo o P.^e Florez, *Esp. Sagr.*, XXI, 2, conquanto escrevesse *Cale*, seguindo alguma edição antiga, e não *Cales*. Sampaio distingue *locus* de *castrum*, contrapondo-os, e collocando as respectivas povoações em sítios diferentes; contudo a *civitas* salustiana estabelece

¹ Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 29, nota 7, e III, 140. A forma *Cales*, como aí digo, assenta numa correcção feita há séculos por Voss ou *Vossius*, pois os códices salustianos têm *Gallia* em vez de *Gallaecia*. Mas é correcção absolutamente certa, e já assim foi também, sem hesitação, aceita pela Filologia moderna.

certa conexão entre essas duas designações, tanto assim que às vezes se encontra em latim *civitas* e *locus* no sentido de *urbs* (vid. Georges). Portucale era uma povoação (*locus*) fortificada (*castrum*), com seu pôrto no estuário do rio (*portus*)¹.

No meu entender, a palavra *Portucale*, como já aventei algures, corresponde a *portus Cales*: «Cales que é um pôrto», «o pôrto chamado Cales», com a mesma sintaxe de *portus Anthedus*, *portus Schoenos*, etc., em Plínio, *Nat. Hist.*, iv, §§ 18 e 23 (Mayhoff). O acusativo de *portus Cales*, caso típico para o vocabulário românico, era naturalmente *portum Calem*. Com o andar do tempo, o apelativo, que servia para designar o nome próprio, fundiu-se com êste: e o novo nome assim formado tinha no acusativo **Portumcalem* ou **Portucalem*, donde, pela queda do *-m* na pronúncia normal, ficou *Portumcale* = *Portuncale*, ou *Portucale*, que se tornou indeclinável. Vid. os textos em Sampaio, pág. 263, que utilizou a edição idaciana dada pelo P.^o Florez na *Esp. Sagr.*, iv, 347-387. Na edição, porém, mais apurada que Mommsen fêz da Crónica de Idácio nos *Monumenta Germaniae Histor.*, vol. II, fasc. I.^o,

¹ Idácio emprega várias vezes *locus* no sentido de «povoação»: *camporum loca vastantur*, ano de 459; *maritima conventus Lucensis loca nonnulla*, ano de 461; *diversa loca infelicis Gallaeciae.. depraedantur*, ano de 464; etc. Chama *castrum* ao «castelo» de Coyanza, *Coviacense castrum*, ano de 459, usando também, por exemplo, *castella*, ano de 430.

notam-se algumas variantes: *ad locum qui PORTUMCALE appellatur*; *PORTUMCALE castrum invadit*. Delas se vê, principalmente da primeira, que *Portumcale* era para o autor ou para o escriba forma monoptota ou estereotipada.

Asseverar Sampaio que a povoação que o Itinerário designa por *Calem* ficava na margem esquerda do rio, porque a última estação da *via militaris* que de Olisipo ia a Bracara era *Calem* (Sampaio, pág. 263), carece de fundamento. A última estação de Olisipo a Bracara era a própria Bracara: *Calem* era a 9.^a, contando Olisipo como 1.^a, e tanto podia ficar na margem esquerda, como na direita. O itinerário enumera as povoações ou estações conforme a natural seqüência geográfica, ainda quando haja rios de permeio. Na mesma via, por exemplo, a estação 5.^a era Conembrega (Conimbriga), que jazia na margem esquerda do Monda, e a 6.^a era Emínio, que jazia na direita. Mas o texto de Salústio alegado supra não deixa dúvida de que a *Calem* ou *Cale* do Itinerário se identificava com *Cales*, por termos aqui um só nome: e ficava portanto na direita do Douro.

De que modo explicar então na margem esquerda do rio a situação do *Portucale castrum antiquum* das supostas actas de Lugo, e da *villa* ou « quinta » de Portugal do n.º 25 dos *Dipl. et Chartae*? Já se vê que houve duas povoações do mesmo nome, uma em cada margem. Pois que *Cales*, na margem direita, possuía um pôrto de certa notoriedade, tomou disso o nome, e

ficou-se chamando *Portucale*. Tendo-se formado depois na margem oposta, e defronte, em data indeterminada (vid. infra), uma povoação menos importante, esta recebeu o nome daquela: cf. modernamente Barcelos & Barcelinhos, separados pelo Cávado, Pedrógão Grande & Pedrógão Pequeno, separados pelo Zézere, pôsto-que notada onomásticamente a diferença, num caso com um sufixo deminutivo, e no outro com um epíteto. No segundo caso, porém, usa a linguagem familiar, por abreviatura, unicamente *Pedrógão*, quer a respeito do *Grande*, quer do *Pequeno*.

De eu dizer que o *Portucale* da margem esquerda era menos importante e mais moderno que o *Portucale* originário, ou da direita do rio, infere-se não só que não subscrevo a hipótese de Sampaio de que *Portucale* significava « pôrto de Cale », pôrto que do lado da Galécia servia a povoação fronteira ou da esquerda, senão que, e *ipso facto*, não dou esta como derivada de uma citânia. Das duas povoações, chamadas cada uma *Portucale*, fôra a da direita evidentemente a primeira, porque o seu nome só pode explicar-se por *Cales*, da *civitas* que Salústio situa na margem dêsse lado. O segundo *Portucale* deve ter-se formado entre o tempo de Idácio (séc. v), em que havia um só *Portucale*, e o da redacção das actas apócrifas de Lugo. Querendo-se um *terminus ad quem* mais definido, escolha-se o ano de 922 do doc. n.º 25 dos *Dipl. et Chartae*.

Quanto ao mais que não fica discutido, estou de acôrdo com a exposição de Sampaio. Apenas

preciso de evitar aos leitores uma dúvida. Porque é que a povoação do Sul do rio, mais moderna, na minha suposição, do que a do Norte, se chamava nas actas de *Lugo castrum antiquum*, ao passo que esta se chamava *castrum novum*? O adjectivo *antiquum* naquele caso quer dizer, como Sampaio explicou, págs. 273-274, do tempo dos Visigodos, isto é, castelo construído nesse tempo; *novum* quer dizer que a fortificação de *Cales*, não a *civitas*, é posterior aos Visigodos, isto é, data do tempo de D. Afonso III de Lião (vid. supra); a *civitas*, pelo contrário, era pré-romana, como o declara o nome. Quando uma povoação recebe um nome que já existia aplicado a outra, junta-se-lhe conhecidamente o natural epíteto *novum* ou *nova*, tomando o anterior nome o epíteto de *velho*; cf. *Montemór-o-Velho* por oposição a *Montemór-o-Novo*; *Tórres Vedras* por oposição a *Tórres Novas*. O mesmo acontece com monumentos. Ao pé de Mondim de Baixo, na Beira-Alta, havia uma ponte sôbre o rio Barosa, chamada simplesmente assim, isto é, *a ponte*; a pouca distância construiu-se outra, que o povo logo denominou *nova*, começando a chamar *velha* à preexistente. Em todo o caso, quer *castrum antiquum* e *castrum novum* pertencessem à linguagem quotidiana do tempo, quer apenas à do escriba das actas, ou supostas actas, não passam de expressões transitórias, que depois deixaram de existir.

Em resumo. Para mim, salvo o devido respeito à inteligência e sciência de Sampaio, a *Cales* de Salústio, a *Cale* ou *Calem* do Itinerário,

o *Portucale locus* de Idácio, o *Portucale castrum* do mesmo autor, e o *Portucale castrum novum* das actas lucenses aplicam-se ao Pôrto; o *Portucale castrum antiquum* das mesmas actas e a *villa de Portugal* dos *Dipl. et Chartae* aplicam-se ao território de Gaia.

Tanto para o espírito de Idácio as três expressões *Portucale locus*, *Portucale*, e *Portucale castrum* significavam uma só povoação, que êle, adicionando *locus* a *Portucale* na primeira expressão, e *castrum* na segunda, menciona uma vez *Portucale* sem epíteto nenhum. Que *Portucale* era pois êste? Evidentemente o mesmo que os outros dois: do contrário distingui-lo-ia por *locus* ou por *castrum*. Não pode alegar-se que, vindo *Portucale*, sem epíteto, depois de *Portucale locus*, Idácio tivesse êste em mente; não, porque o andamento da Crónica põe grande distância de permeio.

*

Procurei na precedente discussão acompanhar, quanto possível, o pensamento de Sampaio, e por isso em *Portucale castrum* considerei *castrum* designação de *Portucale*; mas visto ter-se tornado *Portucale* ou *Portumcale* (Mommsen) monoptoto ou indeclinável, podia também — e é isso o mais provável — interpretar-se *Portucale* (ou *Portumcale*) *castrum* como *Portucalis* (ou *Portumcalis*) *castrum*, e traduzir-se pois aquela expressão por «castelo de Portucale», já res-

pectivamente à povoação da direita, já a da esquerda ¹.

Com qualquer das duas interpretações a discussão permanece a mesma: e não a fiz com afouteza, pois que não me coloquei inteiramente ao lado de pessoa tão circumspecta como Sampaio, de quem fui amigo, e sou sempre admirador.

APÊNDICE

Mgr. Ferreira, num *addendum* às suas *Memórias do Pôrto* (já citadas), I, 446, onde se baseia nas *Religiões*, II, 29, e III, 140, passos que êle cita, fala também da *Cales* salustiana; mas acrescenta que lhe parece não poder identificar-se esta cidade com o *Portucale locus* de Idácio, porquanto o mesmo Idácio afirma no *Chronicon* que a última cidade da Galécia, que terminava no Douro, era *Bracara*, e não *Cales*: devendo pois admitir-se que ou a *Cales* de Salústio havia já desaparecido ao tempo de Idácio, ou ficava noutra parte da Galiza, acaso até noutra região da Hespanha.

A isto objectarei o seguinte:

Entre o ficar *Portucale* ou *portus Cales* na margem direita do Douro, e o dizer Idácio que *Bracara* era a *extrema civitas Gallaeciae* não há

¹ Também G. Estaço, *Varias antiguidades de Portugal*, cap. 73, § 31, viu em *Portucale* um « nome indeclinável », que na expressão *Portucale Castrum* tinha o valor de genetivo, pelo que traduziu *Portucale Castrum antiquum* « Castelo velho de Portugal [= Portugale ou Portucale] »; cf. *Castro novo* no § 33.

contradição, porque *Bracara* era uma *civitas*, e *Portucale* um *locus*, que, ou por ter decaído, ou por não ser tão importante como *Bracara*, ou porque Idácio o não conhecia bem, não mereceu ao cronista aquela qualificação.

(Da *Revista Lusitana*, vol. xxix (1931), págs. 50-56).

III

Le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques d'après les données de la toponymie

(MÉMOIRE PRÉSENTÉ AU CONGRÈS INTERNATIONAL
D'ARCHÉOLOGIE TENU À ROME EN OCTOBRE 1912)

On dit, dans un conte populaire, que certains enfants, hors de chez eux, laissaient tomber çà et là, sur la route, des coquilles de noix et des miettes de pain, pour retrouver le chemin de la maison paternelle. Les peuples, dans leur marche interminable à travers les siècles, ressemblent en quelque sorte à ces enfants, parce qu'ils lèguent à la postérité des vocables et des formes de langage qui fournissent souvent au philologue des moyens d'éclairer l'historien, ou de l'aider dans l'étude du passé, même le plus lointain.

Nous avons donc ainsi des problèmes archéologico-linguistiques. C'est d'un de ces problèmes que je viens m'occuper ici au point de vue de la préhistoire portugaise.

La partie architecturale des monuments funéraires, qu'on dénomme en archéologie «dolmens»,